

A relação analítica e a alteridade: entre a posse e a reciprocidade

Danilo Cleiton Lopes¹, Dourados

RESUMO: Este trabalho apresenta reflexões sobre a Relação Analítica como encontro entre alteridades. Discuti as noções do desconhecido e reconhecido na intersecção com as noções de posse e reciprocidade presentes nas diferentes relações humanas, dentre elas a analítica. Isso se dá na apresentação de vinhetas clínicas e de passagens do cotidiano do autor. Como instrumentos teóricos foram utilizados a psicanálise, - mais especificamente a Hipótese do Objeto Originário Concreto – e o pensamento complexo.

PALAVRAS-CHAVE: relação analítica; alteridade; posse; reciprocidade; *unheimliche*.

O bebê sabe nascer: do despossuir à reciprocidade em movimento.

Com a licença do (a) leitor (a) apresentamos uma passagem de nosso cotidiano. Certa vez, em vias do nascimento do primeiro filho, o casal comparece à consulta de rotina do pré-natal, em que tudo caminhava bem para o nascimento do bebê de parto natural. A mãe apresenta uma preocupação em ir viajar, pois o filho estava prestes a nascer, e questiona a médica se existia algum risco na situação. A médica a princípio parece não entender e questiona: “porquê?” A mãe responde: “e se iniciar o trabalho de parto no caminho, será que a gente (se referindo a ela e ao esposo) consegue fazer

1. Psicólogo clínico; Especialista pela Residência Multiprofissional de Saúde (ênfase na Saúde Indígena) do Hospital Universitário da UFGD. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal da Grande Dourados-UFGD.

o parto? A resposta surpreende positivamente e acalma a mãe. A médica, sensível a sua preocupação, pede para ficarem tranquilos, pois: “o bebê sabe nascer”.

Dentre inúmeros outros aspectos, essa passagem revela pontos importantes sobre nossa concepção, de modo geral, a respeito da relação. Partiremos disso para refletir o que tem nos tocado sobre a Relação Analítica (RA) e os aspectos entre o desconhecido e reconhecido nela envolvidos.

Da situação apresentada, o primeiro ponto que apontamos é o nascimento enquanto relação. A mãe preocupada com sua participação e responsabilidade no nascimento do filho, dentro dos seus limites, busca se precaver de eventuais problemas que possa enfrentar nesse momento. Junto ao desconhecido, revela uma representação simplificada sobre o nascimento, pois parece compreendê-lo dependente apenas de si, do seu corpo. Algo que parece estar presente na compreensão comum das pessoas em nossa cultura, ou seja: “a mãe deu à luz o filho”. Isso cumpre parte do que seria estar implicado na relação, mas desconsidera que existe no bebê uma capacidade recursiva para o nascimento, tal como na mãe há a de parir. Um saber sem saber que sabe, isto é, em virtualidade, mas fulcral no caminho à aurora do pensamento (Ferrari, 2000).

A partir da hipótese do Objeto Originário Concreto (O.C.C.) – teorizada definitivamente com a publicação do *Eclipse do corpo* em 1992 –, Ferrari (2000) retoma e reconfigura ao pensamento psicanalítico sobre a importância do corpo à constituição do sistema indivíduo. Assim, o O.O.C se configura como um corpo físico fonte de sensações, e articulado a uma superfície de registro (aparelho mental) que percebe e anota. Neste sentido, a aurora do pensamento pode ser entendida como o processo em que ocorre “*a passagem do marasmo aos registros de linguagem*” (Ferrari, 2000, p. 31).

Deste modo, podemos ampliar nossa compreensão e considerar que o bebê busca o nascimento, a vida; e a mãe é o instrumento indispensável para tal, como componente dessa relação primeira. Ao mesmo tempo, outras relações podem ser estabelecidas dentro dessa mesma relação, caso algum

dos envolvidos apresente alguma dificuldade em participar ativamente nesse processo. Com isso, não buscamos desqualificar a expressão popular, mas acrescentar a ela outros sentidos possíveis, no intuito de compreendermos por diferentes vieses as relações inter-humanas experimentadas desde o nascimento. Para não dizer da própria concepção humana que se dá por algum tipo de relação entre alteridades.

Para melhor compreender, apreciemos a expressão do ponto de vista da regência verbal. Como uma oração, percebemos que existe o objeto direto (elemento sobre o qual recai a ação verbal), o objeto indireto (elemento destinatário da ação verbal) e o sujeito (elemento que realiza ou recebe alguma ação). Assim, ao dizer que “a mãe deu à luz o filho”, se “dá o filho à luz” e não “a luz ao filho”. Nota-se que o filho é o objeto direto, a luz o objeto indireto e a mãe o sujeito da oração. Em termos da gramática formal identificamos uma dicotomia nessa situação em que o sujeito da oração realiza uma ação, e não a recebe, pois ela recai sobre um objeto. Em uma oração, no que diz respeito ao sujeito, opera-se sempre entre o realizar ou receber a ação, de maneira dicotômica e determinista. Isto é, apesar de suas variações, em uma oração há sempre um sujeito e um objeto, separados deterministicamente em suas possibilidades de ação.

Cabe-nos refletir que o sentido formal gramatical de uma expressão reserva limites a sua compreensão e efeitos na realidade compartilhada, ou seja, é apenas uma forma de apresentá-la. Por isso, pensamos que nas orações gramaticais temos sempre um sujeito (com suas variações), contudo, nas relações humanas, enquanto acontecimento, sempre existe mais de um sujeito, isto é, o duplo ou o múltiplo: o desconhecido e o reconhecido, alternantes em suas características estranhas e familiares. Em outras palavras, enquanto na oração gramatical existe o sujeito, nas relações humanas existem os sujeitos que a compõem e dela se constituem.

Assim como opera a gramática em termos formais, em que há uma dissociação entre a noção de sujeito e de objeto, também, para certo modelo de ciência, não existe interlocução entre o sujeito e objeto, apenas a sua desagregação e consequente apropriação de um (sujeito observador) sobre

o outro (objeto observado).

De acordo com Morin (2005) isso decorre das profundas mudanças da ciência moderna, com a eliminação de Deus e a necessidade de manutenção da ordem, ocorridas entre os séculos XVIII e XIX. Esta noção de ciência teve como principais representantes e fundadores Descartes e Newton que apesar de distantes da teologia, preservam a perfeição divina como elemento explicativo e constitutivo da ordem da natureza. “*A ordem passou a ser o substituto de Deus, num universo perfeito que não tinha mais a justificativa de Deus*” (Morin, 2005, p. 209).

A noção de ordem, ao mesmo tempo, é fundamentada e fundamenta o pentágono da racionalidade, e ao contrário do que se possa acreditar, tem origem teológica e mágica, segundo Whitehead. A racionalidade do Deus onisciente põe em evidência o universo perfeito e ordenado. Sendo que a visão pitagórica, em continuidade, crê na redução dessa ordem em fórmula matemática como revelação do mistério do universo (Morin, 2005).

Além da origem mágica e teológica, há uma origem política, onde, no Ocidente, a ideia de ordem universal se desenvolve concomitantemente com a “*soberania das monarquias de direito divino*”. E acrescenta o autor: “*não digo que a ideia de ordem física seja uma «superestrutura ideológica» de ordem política. Acho que a ordem política foi um meio de formação favorável para a ordem física*” (Morin, 2005, p.208).

Morin (2010) observa que essa perspectiva parte do paradigma da simplificação, ou seja, da redução dos fenômenos e objetos para a sua explicação, como se fosse a única premissa capaz de programar e esclarecer o real. Constitui-se o pentágono da racionalidade pautado em cinco noções que se articulam: ordem, determinismo, objetividade, causalidade e controle. Deste modo, a descrição e controle dos fenômenos e objetos dependem da apropriação do conhecimento das leis naturais, advindo dessa racionalidade: “*com isso, encontramos a ideia fundamental de uma*

ciência cuja missão é tornar o homem senhor e dono da natureza², pela mente e pela ação” (Morin, 2005, p. 208).

Além disso, por essa racionalidade, a ordem se opõe à noção de desordem. A desordem, em um nível empírico e enquanto fenômeno, representa noções como: acidentes, dispersões, colisões, agitações, inconstâncias, instabilidades e irregularidades; *“mais amplamente, ela diz respeito a qualquer fenômeno que acarrete ou constitua a desorganização, a desintegração, a morte”* (p. 210). Desse modo, no que se refere à comunicação e informação, a desordem é o barulho que habita a mensagem, isto é, o erro.

Como ingrediente comum, toda a desordem carrega o acaso e eventualidade. Para Thom o acaso é aquilo que não pode ser deduzido por nenhum formalismo e nem estimulado por nenhum mecanismo. O fenômeno originado do acaso é desprovido de leis e princípios capazes de concebê-lo, permanece a mercê do obscurantismo. Isto é, o acaso desafia o pentágono da racionalidade, insulta a coerência e a causalidade. *“E, já que a ordem é aquilo que permite a previsão, isto é, o domínio, a desordem é aquilo que traz a angústia da incerteza diante do incontrolável, do imprevisível, do indeterminável”* (Morin, 2005).

Contudo, a partir do pensamento complexo, Morin (2005) nos demonstra a coexistência, entre a ordem e a desordem, na constituição do universo e da realidade compartilhada. A partir de uma visão paradoxal do universo apresenta a dinâmica, ao mesmo tempo, contrária, complementar e permanente entre: ordem, desordem e organização. Assim, a organização do universo e sua relativa inteligibilidade, advém de sua desintegração, afinal a organização só é possível a partir de elementos distintos. *“Efetivamente, existe uma contradição lógica na associação da ideia de ordem e de*

2. Isso contrasta com a noção de reciprocidade entre o humano e a natureza presente na cosmovisão indígena Guarani e Kaiowá, com a qual compartilhamos a existência no espaço-tempo vivido. Nessa perspectiva não há o domínio e exploração mental e material da natureza, se não o compartilhar do existir de forma recíproca e inserida com/na natureza. Desse modo, entende-se que não possuímos, dominamos, controlamos ou exploramos a natureza, mas somos natureza. Por isso, solicita-se à natureza aquilo que se faz necessário no momento, com a devida reciprocidade em suas ações humanas para com ela. Por essa cosmologia e epistemologia, modifica-se também a forma de se produzir as relações inter-humanas e intersubjetivas.

desordem. Mas aceitar essa contradição é menos absurdo do que rejeitá-la, o que leva a deficiências” (p. 214).

As deficiências podem ser percebidas, naquilo que muitas vezes é tido como eficiência por essa racionalidade, isto é, na fragmentação disciplinar científica (hiperespecialização) e, conseqüentemente, a mutilação dos objetos observados (hipertrofia de um de seus aspectos), desconectados de sua realidade compartilhada. Além de produzir a crença ilusória da neutralidade de um observador onipresente em relação ao objeto observado. Uma forma caolha de olhar a realidade compartilhada, geradora de obscurantismos que, aparentemente, visa superar.

A temática do desconhecido e do reconhecido é recorrente em psicanálise por diferentes aspectos, dentre eles o fato de representar, em linhas gerais, parte daquilo que evidenciamos nas relações intersubjetivas, entre o Eu e o Outro. Ou seja, na relação entre o Eu e o Outro, deparamo-nos com o desconhecido e o reconhecido, aquilo que acreditamos saber, conhecer e que nos é familiar, e aquilo que não sabemos, desconhecemos, ou até mesmo aquilo que nos é estranho - *Unheimliche*.

Freud (1919) observa uma negligência na literatura acadêmica a respeito de alguns temas que discutem a estética, não apenas enquanto “teoria da beleza”, mas como “teoria das qualidades do sentir” e dedica-se a discutir “o estranho” – *das unheimliche*. Uma questão de grande valor para compreender as qualidades do sentir humano, já que de modo geral o estranho, segundo o autor, remete a sentimentos como o medo e o horror.

Seja do ponto de vista da historicidade do uso semântico do termo, ou do ponto de vista das coisas, das impressões sensoriais, experiências e pessoas, aquilo que é estranho, invariavelmente, revela a natureza de desconhecido. Contudo, nem tudo que é desconhecido, ou não familiar, gera sentimentos assustadores ou de estranheza. Isto é, não basta apenas uma incerteza intelectual sobre determinado fenômeno, como propunha Jentsch, para senti-lo como estranho. Em outras palavras, nem tudo que é desconhecido é assustador e nem tudo que é assustador é estranho. Percebe-se que o novo e desconhecido pode tornar-se estranho e assustador, mas algo lhe

precisa ser acrescentado. Assim, o estranho não remete a algo realmente novo, mas “*é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar*” (Freud, 1919, p.139).

Ao caminhar para além dos indicativos do estranho como “não familiar”, proposto por Freud, surge a pergunta: quais os acréscimos que se fez ao desconhecido para que ele se torne estranho, não familiar ou assustador? Freud recorre a diferentes casos clínicos, passagens do seu cotidiano e à ficção – através de diferentes histórias literárias –, e conclui alguns elementos presentes na composição do desconhecido e assustador que o torna estranho, dentre eles: o animismo, a onipotência do pensamento, a atitude humana com a morte, a compulsão à repetição e complexo de castração (Freud, 1919). Não nos deteremos a explicar cada um desses elementos, pois já está posto, no referido trabalho, com o brilhantismo do autor. Pretendemos apenas acrescentar algumas reflexões ao longo do texto, tendo como aporte nossas vivências clínicas e do cotidiano, enquanto apreciadores da psicanálise como aporte teórico-prático.

O tema do estranho sinaliza para a existência de uma relação entre o Eu e o Outro. O Eu que percebe e sente algo como estranho, seja o Outro-estranho um indivíduo – ou o próprio sistema indivíduo em sua corporeidade? – ou o mundo externo composto por objetos vivos e inanimados, humanos e não humanos, naturais e artificiais, materiais e simbólicos. O que nos importa de momento é o estranho na RA em que estão implicados analista e analisando.

Isso porque, assim como Ferrari (2005), na compreensão e experimentação da RA, damos ênfase ao seu aspecto processual e não ao sistemático. Isto é, a técnica e prática psicanalítica, considera a observação clínica como uma situação a dois, pautado na alteridade enquanto “*um tipo especificamente humano de relação*”, com leis estruturais próprias; e isso revela uma contradição com suas “*resultantes teóricas que são formuladas em termos de uma psicologia individual*” (p.14). Isso não representa desconsiderar a história individual do analisando, mas de pensá-la a partir de uma história presente em comum, que se constrói junto ao analista.

Assim, a transferência não é vista como um ato passivo, um “*clichê estereotipado (...) ou uma catexia que se acha pronta por antecipação*”, apenas como repetições de relações infantis e arcaicas que encontram no analista o pretexto para sua realização (Freud, p. 60-61). Ela ocorre ativamente na RA como um acontecimento em movimento, dinâmico e criativo, que se realiza ao comprovar ou corrigir a si mesma, pois “*na relação, a realidade não é um dado de fato, mas um fazer-se*” (p.13). Deste modo, não se trata necessariamente de interpretar as experiências passadas do analisando, mas de construir juntos proposições analíticas a partir da, e na, RA, pois “*é o processo que faz emergir e dá um significado ao vivido e não o contrário*” (p.15).

Vinheta clínica:

Analisanda: Essa semana aconteceu uma coisa muito chata, sobre aquilo que falo para você que venho tentando entender e melhorar.

Analista: Consegue me contar o que aconteceu?

Analisanda: Discuti feio com meu filho (o mais velho), porque ele esteve aqui em casa para passar alguns dias e tem o costume de ficar até tarde jogando videogame. E eu não gosto disso, sabe. Não acho certo. Eles não têm compromisso no outro dia, mas eu tenho. E se eu falo o L. retruca sabe, ele não aceita a imposição das regras. Já o V. (filho mais novo que reside com ela) é tranquilo, ele acata. E na minha cabeça o certo é ele me obedecer, eu imponho as regras e eles obedecem. Foi assim que fui criada.

Analista: Deixe-me ver se entendi. O fato de estarem jogando videogame não era o problema, mas sim a não obediência as regras da casa?

Analisanda: É... eu não sei se estou certa, mas penso assim. E esse é o motivo pelo qual eu e o pai dele nunca nos entendemos. Ele sempre faz tudo que o L. quer. Sai de onde está para fazer os gostos do filho, sendo que ele mesmo pode fazer; afinal não é mais uma criança, já tem vinte e três anos. Esses dias ele me pediu para passar pegar umas coisas para ele na padaria. E eu disse: não, vai você. Porque estava ocupada. Ele foi pedir ao pai dele e o pai dele saiu da casa dele para ir, você acredita?

Analista: Entendo. Parece estar claro que existem diferenças importantes entre vocês na forma de se relacionar com os filhos. Mas precisamos pensar sobre o que tudo isso tem a ver com a nova situação que aconteceu essa semana.

Analisanda: É... então, eu acho que é essa sensação de que eu sou sempre a chata, a ruim, que não dá carinho e ele é sempre o legal, carinhoso, o bom.

Analista: E é isso?

Analisanda: Parece que sim, porque eu sempre tenho que estar corrigindo porque o pai só sabe mimar. Aí cria essa situação: eu sempre como a chata e ele como o legal.

Analista: Você é chata porque ele é legal?

Analisanda: É né? [Expressão de dúvida].

Analista: Percebe como é difícil saber se você quer ser assim com seu filho porque acredita ser o melhor para ele e para você, ou se reage a uma outra pessoa para além da relação de vocês, nesse caso o seu ex-marido?

Analisanda: É... [Pausa]. Eu não tinha pensado nisso. Por isso acho que acabo reagindo de forma impulsiva com ele.

Analisanda: Entendo sua preocupação sobre apresentar limites ao filho, mas estou mais preocupado com as razões que você entende justificar o seu gesto. E mais ainda como isso se impõe sobre o seu desejo de se relacionar com ele como mãe. Você não me parece contente com o lugar da chata, e também não sei se é possível alguém ser chato ou legal por inteiro o tempo todo. Talvez você esteja se perguntando de como vivenciar a relação com seu filho sem dar tanta importância ao que o pai faz ou deixa de fazer.

Analisanda: É... Verdade. Parece que fico tentando controlar tudo, prever o que vai acontecer se eu fizer isso ou aquilo e acabo me estressando. Deixo de viver.

A desarmonia sentida pela analisanda está impressa sobre sua modalidade de funcionamento atual, e neste ponto, se apresenta na representação

sobre o papel de mãe. Ilude-se com a possibilidade de se retirar – como objeto – das relações de objeto que se apresenta, e com isso tem sua conduta determinada de fora. Colocar-se de fora das relações, ver-se determinar por elas, nos parece intimamente relacionado com o “desejo totalizador de posse” que predomina no Édipo arcaico infantil e permanece atuante ao longo da vida e na reconfiguração permanente da constelação edípica. Os arranjos harmônicos e desarmônicos do sistema indivíduo, e de suas relações, estão relacionados ao menor ou maior alcance dessa triangularidade inexorável que se apresenta, com as vantagens e problemas que isso implica (Ferrari, A. B. 2000).

Estamos inclinados a pensar, a partir da hipótese do OOC, que a estranheza sentida pelo indivíduo em sua configuração egóica implica, – para além da relação Eu e Outro-estranho – em se deparar com o estranho em si mesmo. Ou seja, se o objeto originário é o corpo em sua concretude, este é também o estranho, o outro de si mesmo. Uma indiferenciação inicial que se dá anterior a percepção e reconhecimento do Outro, isto é, na percepção e reconhecimento de sua própria corporeidade. Essa estranheza inicial sobre si mesmo vai se dissipando, parcial e provisoriamente, à medida que o sistema indivíduo, na relação com o mundo externo, desenvolve o aparelho mental capaz dos registros de linguagem. Assim, pode-se representar a diferenciação em relação ao Outro e a individuação do Eu.

Para isso, parece fundamental se desvencilhar do desejo totalizador de posse, que pode transformar-se na ilusão de possuir o objeto, seja ele o Outro ou o Si mesmo enquanto corporeidade. Um grande desafio diante do desamparo oriundo do estranho inexorável que emerge da percepção dos limites do próprio corpo.

A analisanda, na RA, consegue perceber em si mesma capacidades que vão além das determinações do Outro e do mundo externo, e reconhece a necessidade de viver de acordo com o seu desejo. Contudo, um desejo ainda não admitido, estranho, desconhecido, pois age de acordo com a ilusão de posse que gera expectativas sobre o efeito de suas atitudes nas atitudes dos Outros. Implicada na RA, no pensar e sentir aí envolvidos,

compreende a construção de relações pautadas em uma representação sobre si mesma em desacordo com aquilo que espera da própria existência.

“Todos falam que eu sou forte, durona. Mas não sei se é assim. Me lembro que antes existia carinho entre meus filhos e eu, mas com o passar do tempo isso foi se perdendo. Sinto falta”. Isso que ela entende por falta, buscamos propor como um excesso, isto é, por querer possuir demais “deixo de viver”. Lançar-se à experiência emocional com as incertezas que isso implica – como se isso implicasse deixar de ser forte – deve ser admitido como possível, só então parece imaginável encontrar-se com o Outro e o Si mesmo.

A respeito do impedimento diante da experiência emocional com as pessoas à sua volta, produz-se, inicialmente, na RA uma tentativa de preparar o Outro-analista para o envolvimento com uma pessoa “difícil de lidar”. Acolhe-se, com isso, a dificuldade e desarmonia da própria analisanda em perceber estar sendo uma pessoa “difícil de lidar”, isto é, com as sensações corporais internas de lidar com sua própria modalidade de ser. Justamente porque não parece ser possível possuir e prever a dificuldade que o Outro-analista encontrará diante da alteridade que se lhe apresenta. Propõe o analista: *“talvez o que seja difícil para alguns, não seja difícil para outros. Não sabemos de antemão, mas estou disposto a te conhecer em seu modo de ser”*.

Aos poucos sinaliza a dificuldade de lidar com sua feminilidade e masculinidade – *“porque cada um de nós é homem e mulher, mulher e homem (Facchini, S., 2000, p. 84)”* – e revela que a pessoa “difícil de lidar” se apresenta diante das “figuras de autoridade”, mais especificamente aquelas que lhe remetem a figura paterna, que carrega em sua representação, a marca do “abandono e rejeição”. O pai saiu de casa, ainda quando era criança. A fantasia infantil de despossuir o pai, por sua ausência, foi levada à vida adulta como ilusão em tê-lo possuído e, por isso, perdido em algum momento. A forma de lidar com a angústia daí oriunda, parece ter sido encontrada em construir uma modalidade de ser que admite a masculinidade, mas não a feminilidade, pois imagina estar aí a fonte de seu

sofrimento. Além de se ver como a filha abandonada, a mãe feminina está representada como a que “tudo tem que suportar”, por isso longe daquilo que almeja para si.

Nota-se como o primeiro filho do casal modifica a sistêmica familiar e a dinâmica conjugal. Em um relato de sessão sobre como os desentendimentos conjugais se intensificaram com a chegada do primeiro filho, a analisanda relata: *“Logo quando o meu filho nasceu, fui para a casa da minha mãe para que ela pudesse me ajudar com os cuidados, porque o pai dele precisava trabalhar. No primeiro dia em que foi nos visitar ele nem me deu atenção, chegou e foi primeiro no meu filho e me deixou lá, sozinha. Você acredita!?”*

Neste instante, se apresenta à analisanda a dupla aspiração ilusória de sua feminilidade, de possuir o homem que ama ou de manter *in utero* o filho, isto é, como “meu filho”. A angústia do nascimento do filho, quando um corpo se torna dois corpos, retrata na relação mãe-bebê a relação corpo-mente, originária e contínua: *“um transformar-se de Uno em Binário, tendendo depois novamente ao Uno”* (Ferrari, A. s/a, *apud*, Facchini, S., 2000, p. 88).

Com isso, não se deve supor que a necessidade de posse seja exclusividade feminina, pois está presente, de forma também peculiar, no sistema e modalidade de ser masculino. Diferentemente da mulher que aspira a posse como unificação ou retorno a junção, no homem prevalece a necessidade de imposição enquanto modalidade do ser (Facchini, S., 2000).

A dificuldade de lidar com a feminilidade por representá-la como elemento limitante do ser, pois a remete ao abandono e a solidão para suportar as dores da vida, contrasta com o deparar-se com a própria corporeidade. Eleva sua masculinidade em seus aspectos autoritários e impositivos na relação com o filho primogênito, que possuía em seu ventre e ao desposuí-lo “perde” mais uma vez como mulher, não só o filho, mas também o esposo que deixa de “ser seu” e passa a ser pai.

A ilusão de possuir em totalidade o objeto-outro, parece-nos expressar um reatualizar da tentativa de possuir o próprio corpo e de dominar

as experiências e sensações corporais marasmáticas diante o próprio nascimento. Deparar-se com a imprevisibilidade e acaso, ao qual tais experiências corporais apresentam, direciona o objeto ao seu ser, isto é, não apenas estar inscrito em relações de objeto as quais o Outro se manifesta na estranheza do não domínio e posse absoluta, mas também de ser objeto não possuído e dominado em sua corporeidade.

Além disso, ao descrever a distinção entre as modalidades feminina e masculina, não pretendemos dissociá-las enquanto possibilidade existencial capaz de compor dinamicamente o mesmo sistema indivíduo. Entendemos que a masculinidade e a feminilidade se diferem enquanto modalidade de ser e de funcionar, mas não reduz e nem determina o sistema indivíduo a um ou outro funcionamento de forma estanque e permanente. Deste modo, não possuímos a feminilidade ou a masculinidade enquanto substância imutável, mas somos masculinidade e feminilidade em sua dinamicidade – ser em movimento. Com a prevalência de uma modalidade ou outra, de acordo com harmonia e desarmonia das características psicofísicas atuantes no humano, em seu contexto.

Vinheta clínica:

Trata-se de um analisando de meia idade que chega até o consultório com um encaminhamento e diagnóstico médico psiquiátrico em mãos: “*eu tenho TOC doutor*”. Refere-se ao Transtorno Obsessivo-Compulsivo presente na Classificação Internacional de Doenças – CID. Como complementar a nossas reflexões, iremos apresentar uma vinheta clínica da narrativa de um sonho: “o sonho da nuvem negra”.

Considerações

O oculto que vem a luz constantemente está ligado a desilusão da posse de objeto; não apenas da relação com os objetos e o mundo externo, mas como objeto, isto é, com a percepção de ser um corpo sem possuí-lo. Se é corpo, mas não se possui corpo. Enquanto ser, podemos preservá-lo em certos limites, mas jamais possuí-lo como algo conquistado e dominado.

Existem atravessamentos existenciais inevitáveis, relacionados às coisas e fenômenos externos e internos.

O ser revela a parcialidade das possibilidades que temos diante do possuir. Construimos a ilusão de posse e os dados de realidade nos apontam para os aspectos ilusórios da percepção e de maneira onipotente repetimos a ilusão imaginando possuir objetos externos, os quais apenas compartilhamos a existência e viabilizamos as possibilidades de ser, mas jamais de possuir. Não conquistamos ou dominamos a nós mesmos enquanto corporeidade, porque não é possível com tal idealização, com isso nos iludimos em possuir, conquistar e/ou dominar o outro e o mundo externo.

O analista não possui o paciente/analizando, assim como este não possui o analista, apenas compartilham, em dado tempo-espaço transitório e móvel, o existir. Mais um caminho em busca de ampliações das superfícies de registro e uso da linguagem-corpo em ecossistema. E isso presume, por parte do analista, a abstinência ao desejo e memória sugerida por Bion (1970).

Deste modo, compreendemos que uma relação analítica que se presume apenas do ponto de vista da aleatoriedade dos registros pessoais do analista não é capaz de nascer, ou seja, poderia até se dar como uma relação de outra natureza (amizade, coleguismo, familiar, etc), mas não se configuraria como uma relação analítica. Do mesmo modo, se ela se pautar apenas por princípios deterministas da técnica, ela não seria capaz de evoluir como uma relação analítica. Poderia até nascer, mas estagnaria por uma estereotipia da técnica, sem evoluir estaria fadada a decomposição. Em outras palavras, na relação analítica há uma interposição de características que em outros contextos se excluem do ponto de vista lógico. Algo não determinado nem tão pouco aleatório, mas relacional. Entre o pessoal-aleatório-desordenado e o profissional-determinado-ordenado se dá uma mistura ininteligível necessária à hipotética inteligibilidade do universo relacional analítico. Para nós, aceitar essa contradição lógica possibilita evitar deformações, limites ou perdas de funcionalidade da RA.

THE ANALYTICAL RELATIONSHIP AND ALTERITY: BETWEEN POSSESSION AND RECIPROCITY

ABSTRACT: This work presents reflections on the Analytical Relationship as an encounter between alterities. I discussed the notions of the unknown and recognized in the intersection with the notions of possession and reciprocity present in different human relationships, including the analytic one. This takes place in the presentation of clinical vignettes and passages from the author's daily life. As theoretical instruments were used psychoanalysis - more specifically the Hypothesis of the Original Concrete Object - and complex thinking. KEYWORDS: Analytical relationship, alterity, possession, reciprocity, *unheimlich*.

LA RELACIÓN ANALÍTICA Y LA ALTERIDAD: ENTRE POSESIÓN Y RECIPROCIDAD

RESUMEN: Éste trabajo presenta reflexiones sobre la Relación Analítica como un encuentro entre alteridades. Discutí las nociones de lo desconocido y reconocido en la intersección con las nociones de posesión y reciprocidad presentes en diferentes relaciones humanas, incluida la analítica. Esto tiene lugar en la presentación de viñetas clínicas y pasajes de la vida diaria del autor. Como instrumentos teóricos se utilizaron el psicoanálisis - más específicamente la Hipótesis del Objeto Concreto Original - y el pensamiento complejo. PALABRAS CLAVE: Relación analítica, alteridad, posesión, reciprocidad, *unheimlich*.

REFERÊNCIAS

- Bion, W, R. (1970). *Atenção e interpretação*.
Ferrari, A. B. (2000) *A aurora do Pensamento*.
Freud, S. *A dinâmica da transferência*.
Freud, S. *O estranho*.
Morin, E. 1921-2005. *Ciência com consciência*.

danilo7q@hotmail.com